2025

Relatório anual

the Amazon Conservation Team



Foto: Odenilze Ramos/Acervo ACT-Brasil

Sumário

Siglas e Significados 04

Em poucas palavras 07

Quem somos, como atuamos e onde trabalhamos 09

Estrutura de Governança e Gestão 11

Aprendendo com 2025 12

A força que vem das Comunidades 14

O que move este capítulo
Em números e experiências 16

Território e Biodiversidade 19

- Direitos territoriais 19
- Proteção e monitoramento territorial 19
- Gestão biocultural de territórios 21
- Restauração ecológica 24

Modos de Vida e Bem-viver 25

- Saúde intercultural 25
- Soberania alimentar e autonomia produtiva sustentável 29
- Economias sustentáveis 31

Governança e Cultura 32

- Governança indígena e fortalecimento institucional 32
- Articulação Política 34
- Cultura e Línguas 36

Programas Transversais 37

- *Processo Povos em Isolamento* 37
- *Processo Mulheres Indígenas* 38

Fortalecimento Institucional 39

Captação de Recursos e Parcerias 41

Formação e Monitoramento 42

Assessoria Jurídica e Compliance 43

- *Destaques jurídicos* 44

Comunicação 45

- *Campanha da ACT na COP30* 47
- *Conteúdos produzidos* 48
- *Alcance* 49

Adminsitrativo-Financeiro 50

- *Gestão Administrativa* 50
- *Gestão Financeira* 51
- *Distribuição Orçamentária* 51
- *Distribuição Orçamentária por Programa* 52
- *Percentual de excecução por Programa comparando orçado x executado* 52

O que 2026 nos desafia a ser e fazer 54

Quem nos apoia 56

Siglas e Significados

- **ACT** — Amazon Conservation Team
- **AgSUS** — Agência Brasileira de Apoio à Gestão do Sistema único de Saúde (SUS)
- **AIKAX** — Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingú
- **AIU** — Associação Indígena Ulupuene
- **APÃWA-TO** — Associação do Povo Ãwa do Tocantins
- **APITIKATXI** — Associação dos Povos Indígenas Tiriyó, Kaxuyana e Txikuyana (Apitikatxi)
- **ATIX** — Associação Terra Indígena do Xingu
- **ATL** — Acampamento Terra Livre
- **Awapa** — Associação Yawalapiti Awapa (Terra Indígena do Xingu)
- **COP** — Conferência das Partes
- **Fiocruz** — Fundação Oswaldo Cruz
- **FUNAI** — Fundação Nacional dos Povos Indígenas
- **IBAMA** — Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
- **ICMBio** — Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
- **MMTIX** — Movimento de Mulheres do Território Indígena do Xingu
- **OGCCIPK** — Organização Geral das Comunidades e Caciques Indígenas do Povo Kokama
- **OPIJAPU** — Organização dos Professores Indígenas do Japurá

PGTA Plano de Gestão Territorial e Ambiental

PNAE Programa Nacional de Alimentação Escolar

PNGATI Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas

PNUD Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Prevfogo Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais, do IBAMA

PAA Programa de Aquisição de Alimentos

PPPI Projetos Políticos Pedagógicos Indígenas

TI Territórios tradicionalmente ocupados por povos indígenas

UMIAB União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira

A ACT é um parceiro de alma!

Glades Kokama



Em poucas palavras



Por Luiz Cláudio Silva,
diretor-executivo da ACT-Brasil

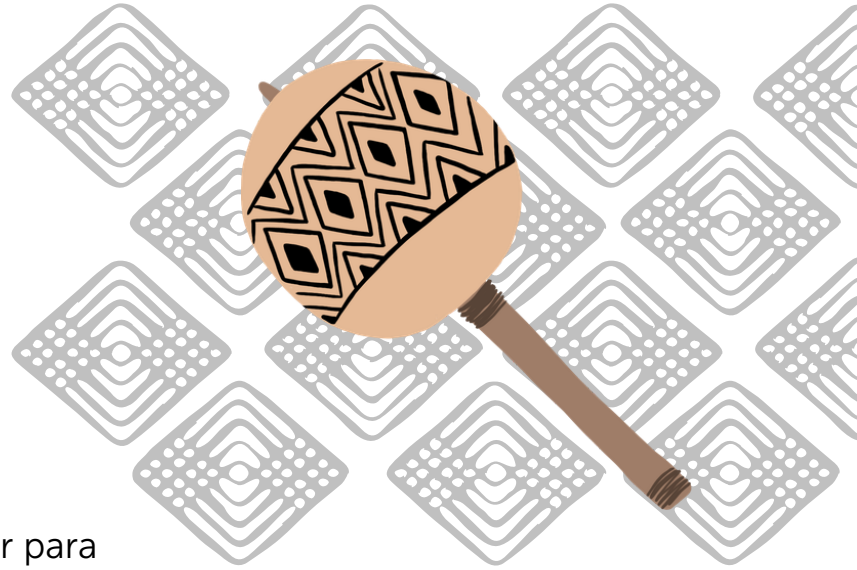
Ao longo de 2025, vivemos um ano que, para mim, marca uma virada importante na trajetória da ACT-Brasil. Mais do que consolidar resultados, foi um período em que fomos desafiados a reconhecer, com mais clareza, o lugar que estamos ocupando e o lugar que queremos ocupar. Aos poucos, deixamos de ser apenas uma organização que executa projetos para nos afirmarmos como um ator comprometido com a defesa dos territórios indígenas a partir de uma perspectiva mais ampla, que envolve articulação, incidência e construção de processos de longo prazo.

Esse movimento não foi simples. Ao contrário, foi atravessado por tensões, dúvidas e limites concretos da nossa capacidade interna. Em diversos momentos, nos vimos diante do desafio de sustentar um crescimento que, embora necessário, nem sempre foi acompanhado pela mesma velocidade na organização dos nossos processos, na integração das equipes e na qualidade da execução. Isso nos obrigou a olhar para dentro com mais honestidade.

Ficou evidente para mim que o nosso modelo de atuação, baseado na escuta, na construção conjunta e no compromisso com processos territoriais de longo prazo, exige mais do que intenção e alinhamento político. Ele exige estrutura, consistência e capacidade de execução à altura da complexidade dos territórios onde atuamos. E esse talvez tenha sido um dos aprendizados mais importantes do ano.

Ao mesmo tempo, 2025 também foi um ano de aprofundamento. Fomos ganhando mais clareza de que não atuamos apenas na proteção de territórios, mas na defesa de sistemas bioculturais vivos, onde natureza, cultura, espiritualidade e modos de vida não podem ser separados. Essa compreensão, que vem dos próprios territórios, tem orientado nossas decisões e reafirmado a necessidade de uma atuação que respeite, de fato, o protagonismo dos povos. Foi nesse contexto que a nossa participação na COP30 ganhou um significado especial.

Estar nesse espaço não foi apenas uma oportunidade, foi também um desafio. Um desafio de atuar em uma arena global, marcada por disputas de narrativa, interesses diversos e, muitas vezes, por uma distância grande entre o que se discute internacionalmente e o que se vive nos territórios.



Desde o início, nossa preocupação foi não ocupar esse espaço apenas como organização, mas garantir que ele fosse efetivamente ocupado pelas vozes e agendas dos povos indígenas com quem caminhamos. Por isso, uma parte central do nosso esforço esteve em viabilizar a presença de lideranças, apoiar sua participação e criar condições para que pudessem incidir de forma qualificada.

Ao mesmo tempo, buscamos contribuir para a construção de uma agenda que refletisse aquilo que vivemos no dia a dia do trabalho.

Organizamos e participamos de espaços que trouxeram para o centro do debate temas que consideramos estruturantes: a proteção de povos indígenas em isolamento e de recente contato, a conservação biocultural como caminho concreto e necessário e a reflexão sobre os 30 anos da rede ACT, conectando trajetórias e aprendizados acumulados em diferentes territórios e países.

Para mim, um dos aspectos mais fortes dessa experiência foi perceber o quanto ainda é desafiador traduzir a complexidade dos territórios para o campo global sem perder a sua densidade. Existe sempre o risco de simplificação, de enquadramento ou até de distorção. E é justamente por isso que nossa presença precisa ser qualificada, consciente e comprometida.

A COP30 reforçou uma convicção que venho amadurecendo: não basta estar presente nesses espaços. É preciso saber por que estamos, com quem estamos e a serviço de quê estamos. Trata-se, no fundo, de disputar sentidos, e de garantir que as soluções discutidas globalmente não se desconectem dos territórios e dos modos de vida que, há muito tempo, já sustentam a conservação da biodiversidade.

Internamente, também demos passos importantes. Avançamos no fortalecimento institucional, organizamos melhor nossos processos e ampliamos nossa capacidade de articulação e captação. Esses movimentos são fundamentais para garantir que a organização tenha sustentabilidade e coerência no médio e longo prazo.

Mas, talvez mais importante do que isso, foi o processo de amadurecimento que atravessamos. 2025 foi um ano em que fomos desafiados a ajustar rotas, a reconhecer limites e a reafirmar escolhas. Um ano em que crescemos não apenas em escala, mas em consciência sobre o que estamos construindo.

Seguimos aprendendo — com os territórios, com os parceiros e também com os nossos próprios erros. E é a partir desse lugar que seguimos, com responsabilidade, compromisso e a convicção de que o caminho que estamos construindo só faz sentido se for feito junto.

Quem somos, como atuamos e onde trabalhamos



A Amazon Conservation Team Brasil (ACT-Brasil) é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos, fundada em 2019, com sede em Brasília/DF.

Surgimos a partir de uma demanda direta de lideranças indígenas da Amazônia brasileira, que reconheceram na nossa experiência um modelo consistente de parceria para a proteção territorial e o fortalecimento cultural.

Somos parte de uma rede internacional com mais de três décadas de atuação, que opera a partir de uma lógica que ultrapassa fronteiras políticas e se estrutura em sistemas bioculturais interconectados. Atuamos no Brasil, Colômbia, Suriname e Costa Rica, com alcance ampliado por meio de iniciativas regionais que também conectam Peru, Guiana, Guiana Francesa, Bolívia, Equador, Paraguai, Venezuela, Panamá e México.

Esse território conecta grandes sistemas ecológicos e culturais, Amazônia, Andes, Gran Chaco, Caribe, Orinoco e Mesoamérica, e exige abordagens integradas. É nesse contexto que consolidamos uma atuação em escala continental, promovendo a conservação ambiental associada à continuidade cultural dos povos.

No Brasil, atuamos na Amazônia Legal, em parceria direta com povos e também desenvolvemos ações transfronteiriças com Colômbia, Guiana e Peru. Essas iniciativas reconhecem que os territórios indígenas não se limitam às fronteiras nacionais e exigem estratégias coordenadas entre países para sua proteção e gestão sustentável.

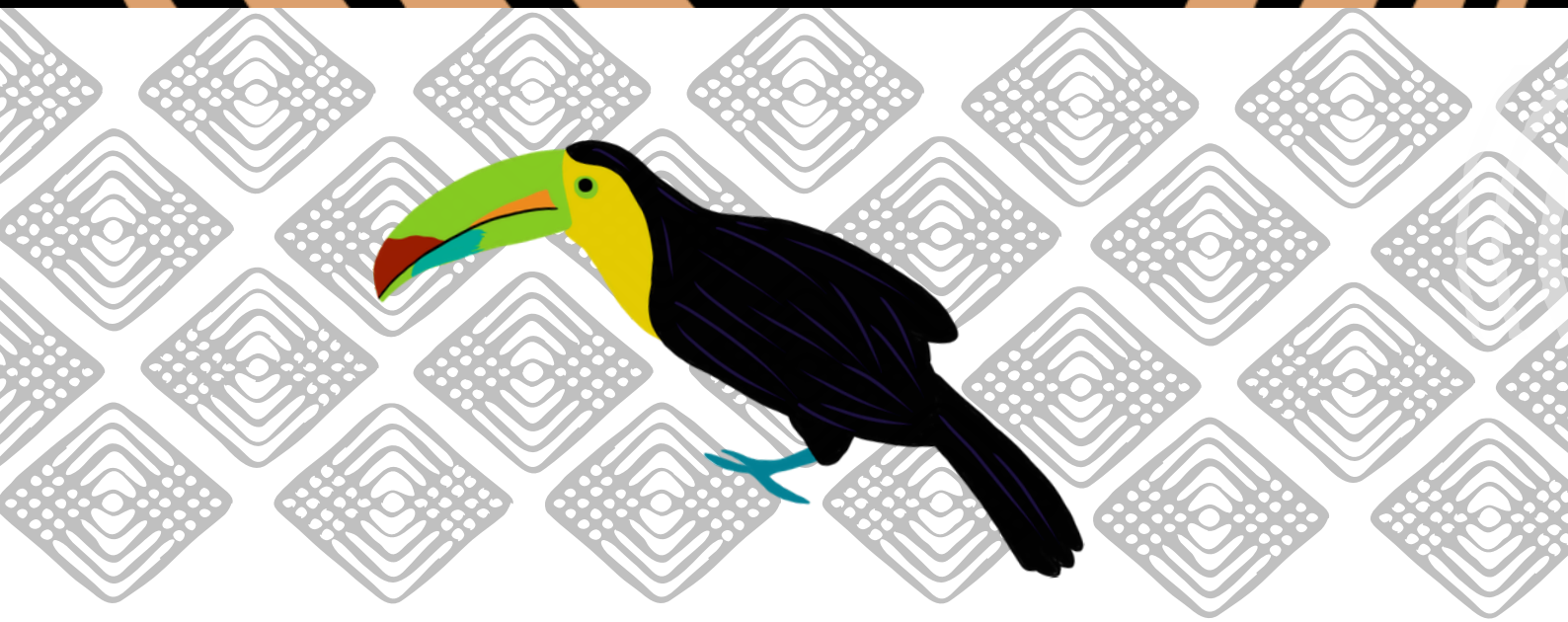
Organizamos nossa atuação a partir de pilares estratégicos integrados:

Pilares estratégicos

Território e biodiversidade

Modos de Vida e bem-viver

Governança e cultura



Nossos pilares se traduzem em ações como demarcação e vigilância territorial, restauração ecológica, fortalecimento da soberania alimentar, apoio a cadeias produtivas sustentáveis, valorização da medicina tradicional e fortalecimento das organizações indígenas.

Para viabilizar essa atuação, mantemos, além da sede em Brasília, dois escritórios regionais estratégicos nas cidades de Macapá, no estado de Amapá e Manaus, no estado do Amazonas, garantindo presença territorial qualificada e capacidade de resposta às dinâmicas locais.

Nossa atuação é organizada por processos e por uma presença institucional de longo prazo. Esse modelo se baseia na construção contínua de relações de confiança com os povos indígenas parceiros, reconhecendo que transformações estruturais não acontecem em ciclos curtos de projeto. Não operamos a partir de uma lógica de oferta, mas de resposta a demandas concretas dos próprios territórios.

Nosso trabalho se inicia com escuta ativa e qualificada, respeitando as dinâmicas, prioridades e formas de organização de cada povo. Só atuamos em territórios mediante convite, o que garante o caráter do protagonismo comunitário desde o início. A partir disso, construímos conjuntamente estratégias de médio e longo prazo, de forma colaborativa, com corresponsabilidade e adaptação contínua às realidades locais.

Atualmente, trabalhamos diretamente em 17 Terras Indígenas, envolvendo ao menos 32 povos. Também desenvolvemos frentes transversais, como as agendas de Mulheres, Saúde e Medicinas Indígenas e Povos em Isolamento, que ampliam nosso impacto para toda a Amazônia brasileira.

Contamos com uma equipe multidisciplinar de aproximadamente 25 profissionais nas áreas técnica, jurídica, administrativa, contábil e financeira, o que nos permite planejar, executar e monitorar projetos complexos com transparência, eficiência e compromisso ético.

Acreditamos que a conservação das florestas tropicais depende diretamente do fortalecimento dos povos que historicamente as protegem. É a partir dessa convicção que estruturamos nossas parcerias, orientamos nossas estratégias e sustentamos nossa atuação nos territórios.

Estrutura de Governança e Gestão

Nossa estrutura de gestão está fundamentada em princípios de governança ética, transparência, eficiência e alinhamento estratégico. Somos organizados em três instâncias principais — Assembleia Geral, Conselho Diretor e Diretoria Executiva — que, de forma complementar, asseguram a integridade institucional, a definição de diretrizes e a execução das ações.

A Assembleia Geral atua como instância máxima de decisão; o Conselho Diretor orienta estrategicamente e supervisiona a organização; e a Diretoria Executiva conduz a implementação dos programas e a gestão cotidiana da Amazon Conservation Team Brasil.

Organograma ACT-Brasil



the Amazon Conservation Team

Aprendendo com 2025



O ano de 2025 foi, ao mesmo tempo, um período de avanços consistentes e de exposição clara dos limites da nossa forma de operar. Se, por um lado, consolidamos processos importantes nos territórios e ampliamos nossa capacidade de atuação, por outro, fomos confrontados com desafios que exigem um reposicionamento mais estruturado da organização.

Um dos principais aprendizados foi a confirmação de que o modelo que escolhemos, baseado na construção de processos territoriais de longo prazo, na escuta ativa e no protagonismo dos povos indígenas, é consistente, necessário e gera resultados reais. Os avanços nos processos de demarcação das Terras Indígenas do povo Kokama, a finalização do PGTA da TI Paraná do Boá-Boá e o fortalecimento das estratégias de monitoramento territorial são exemplos concretos disso.

Esses resultados, no entanto, não são fruto de intervenções pontuais. Eles resultam de continuidade, presença e relação. Isso reforça uma compreensão importante: não existem atalhos para processos estruturais. O tempo do território não é o tempo do projeto. Ao mesmo tempo, esse modelo revelou com mais nitidez suas exigências.

O crescimento da organização, a ampliação das agendas e o aumento do volume de recursos colocaram pressão direta sobre a nossa capacidade de execução. Em diversos momentos, enfrentamos dificuldades relacionadas ao cumprimento de prazos, à consistência das entregas e à articulação entre planejamento e prática. Esse não é um problema pontual; trata-se de um desafio estrutural.

Ficou evidente que ainda operamos, em alguns aspectos, com uma distância entre o que pensamos estrategicamente e o que conseguimos realizar no cotidiano das ações. Reduzir essa distância passa, necessariamente, pelo fortalecimento da gestão da execução, pela qualificação das equipes de campo e pela melhor organização dos fluxos internos.

Outro aprendizado central diz respeito ao papel da governança indígena. Ao longo do ano, as experiências de fortalecimento institucional das organizações parceiras mostraram que a sustentabilidade dos processos depende diretamente da capacidade dessas organizações de se estruturarem e conduzirem suas próprias agendas. Nosso papel não é substituir, mas apoiar — e isso exige equilíbrio, escuta e, muitas vezes, contenção.

Também avançamos na compreensão da importância das agendas transversais. Temas como mulheres indígenas, medicinas tradicionais e povos em isolamento não são frentes complementares; são dimensões estruturantes da realidade dos territórios. Incorporá-los de forma consistente qualifica nossa atuação e amplia nossa capacidade de resposta diante dos desafios contemporâneos.

No campo institucional, demos passos importantes no fortalecimento da organização, com avanços em captação de recursos, assessoria jurídica, monitoramento e organização interna. Esses movimentos aumentam nossa segurança, ampliam nossa capacidade de atuação e nos posicionam melhor diante de parceiros e financiadores.
No entanto, também evidenciaram um desafio recorrente: a integração entre áreas ainda precisa avançar. A circulação de informações, a clareza de responsabilidades e a articulação entre equipes continuam sendo pontos de atenção, especialmente em um contexto de crescimento.

De forma mais direta, os principais desafios que emergem de 2025 são: qualificar a execução programática, garantindo regularidade, qualidade e previsibilidade das entregas; fortalecer a gestão das equipes de campo, com maior clareza de responsabilidades e acompanhamento de desempenho; reduzir a distância entre planejamento estratégico e execução operacional; avançar na integração entre áreas e na organização dos fluxos institucionais; e equilibrar o ritmo de crescimento com a capacidade interna da organização.

Mais do que problemas, esses desafios indicam o momento que estamos vivendo: uma organização que cresceu, se expandiu e agora precisa consolidar suas bases para sustentar esse crescimento com consistência.

É a partir desse contexto que se estruturam os capítulos a seguir, que apresentam, de forma detalhada, os resultados do setor programático, os avanços no fortalecimento institucional e as perspectivas que orientam nossa atuação em 2026.

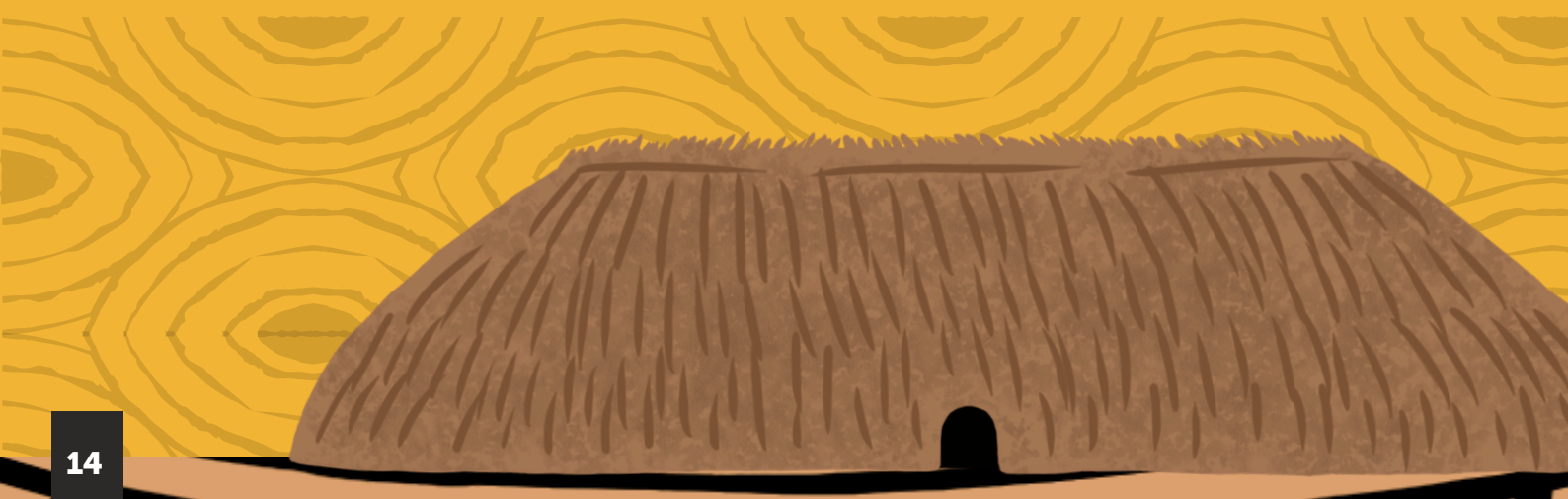


Foto: Méle Dornelas/Acervo ACT-Brasil

A força que vem das Comunidades

Avanços e resultados em 2025 –Pilares estratégicos

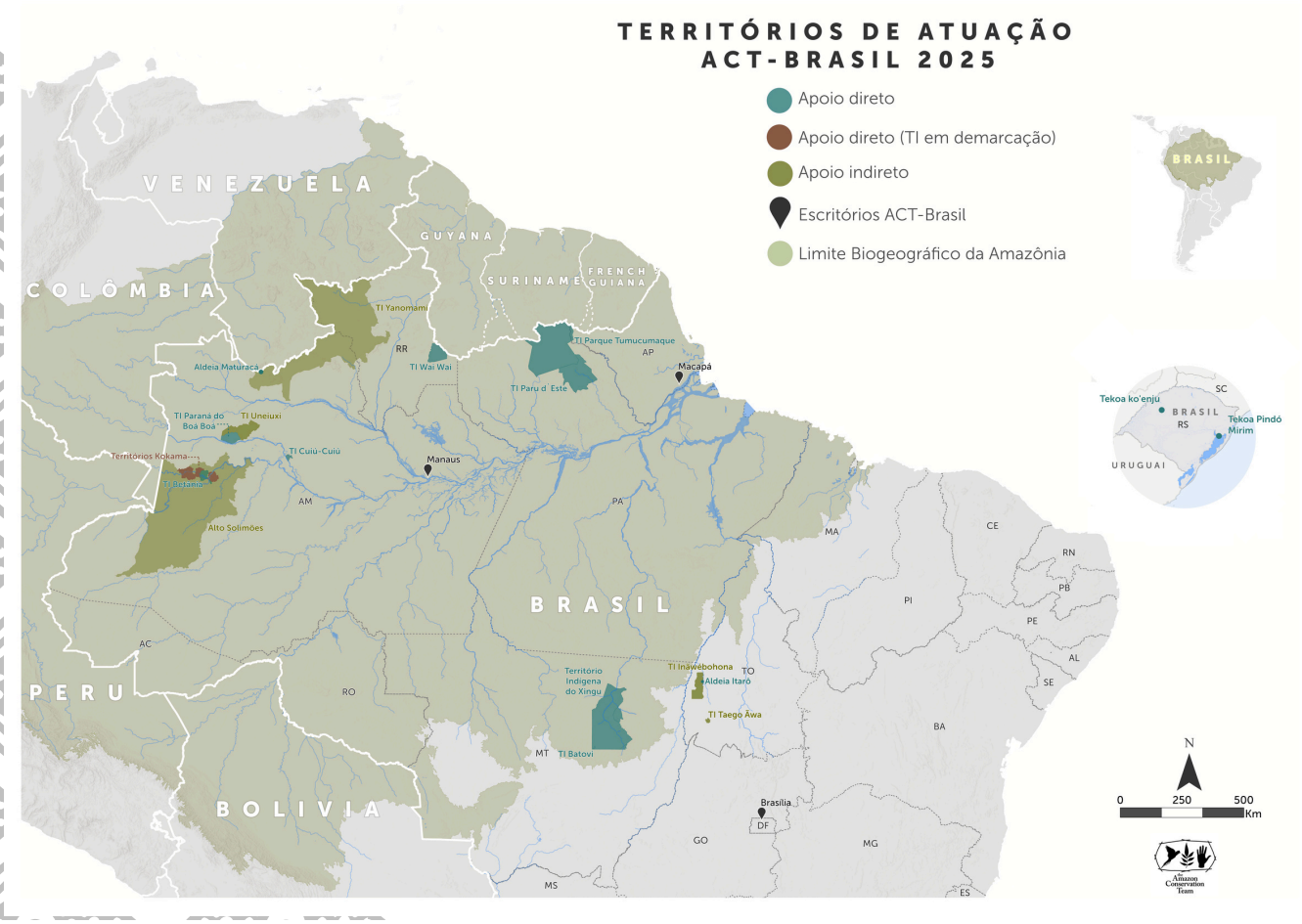
Principais avanços e resultados de 2025 nos três pilares da organização: território e biodiversidade; modos de vida e bem-viver; e governança e cultura, reafirmando o protagonismo dos povos na defesa da floresta e da vida.



Este capítulo apresenta os resultados de 2025 a partir dos pilares que orientam nossa atuaçã, adotados por compreendermos que, nos territórios onde atuamos, as dimensões territoriais, sociais e culturais são inseparáveis, e exigem respostas integradas.

Proteger a floresta implica cuidar da água, do solo, dos modos de vida, das línguas e dos conhecimentos que sustentam a vida coletiva. Da mesma forma, o bem-estar dos povos está diretamente ligado à integridade de seus territórios e ecossistemas. É a partir dessa abordagem que apresentamos, a seguir, alguns dos principais avanços do período.

Destacamos os processos de identificação e delimitação das TI's do povo Kokama, na bacia do rio Içá, a conclusão do PGTA da TI Paraná do Boá-Boá, habitada pelos povos Nadëb e Kanamary, e o fortalecimento da nossa incidência política em articulação com parceiros, com destaque para a participação na COP30, especialmente ao lado das mulheres, reafirmando seu papel central na defesa dos territórios e da vida.



- *Terras Indígenas (TIs) Parque do Tumucumaque e Rio Paru D´ Este (AP) (PA-norte);*
- *TI Wai Wai (RR);*
- *TIs Paraná do Boá Boá, Uneiuxi e Cuiu-Cuiu, na bacia do rio Japurá (AM)*
- *TIs Betânia, Kokama do Baixo Içá e Wikakanaka, na bacia do rio Içá (AM)*
- *Comunidades do polo Maturacá da TI Yanomami (AM);*
- *TI Parque Indígena do Xingu e Batovi (MT);*
- *TI Inãwébohona, na Ilha do Bananal (TO).*

O que move este capítulo

Em números e experiências

Território e biodiversidade



Governança e cultura















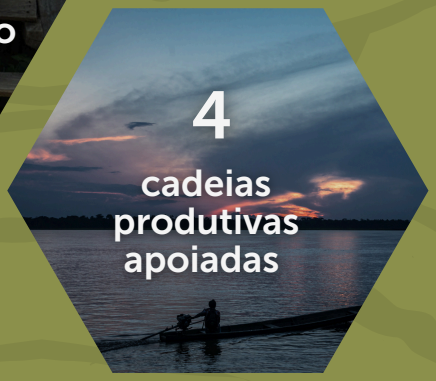




Modos de vida e bem-viver



14
aldeias com sistema de saúde intercultural sendo implementado



4
cadeias produtivas apoiadas



Foto: Nian Pissolati/Acervo ACT-Brasil

Território e Biodiversidade

Direitos territoriais

Nesse âmbito, atuamos junto ao povo Kokama na demarcação de seus territórios na bacia do rio Içá, importante afluente do rio Solimões, em cooperação com a Funai e em parceria com as organizações do povo Kokama. Em 2025 a publicação da portaria que instituiu o Grupo Técnico (GT) do Baixo Içá marcou o início formal do processo administrativo de demarcação.

Como resultado, foi elaborado o Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação (RCID) da TI Kokama do Baixo Içá - com área de cerca de 110 mil hectares -, o que também inclui o levantamento fundiário.

Ainda foi instituído o GT da TI em Santo Antônio do Içá, posteriormente denominada Wikakanaka. Ao longo dos estudos para a elaboração do RCID, foi comprovada a ocupação tradicional dos Kokama em uma área com cerca de 125 mil hectares, aproximadamente dez vezes maior do que o previsto em estudos preliminares na região.

Proteção e monitoramento territorial

Dentro dos esforços para proteção territorial, apoiamos as comunidades parceiras a avançarem na ampliação de sua autonomia técnica e material para o monitoramento dos territórios. Na TI Betânia (AM), em parceria com o Instituto N'gutapa, impulsionamos a vigilância comunitária dos lagos, com a construção de duas balsas flutuantes e aquisição de duas embarcações.



Foto: Ricardo Londoño/Acervo ACT Brasil



Foto: Acervo ACT-Brasil

Realizamos, na mesma TI, uma oficina de vigilância e monitoramento territorial com 52 participantes, que resultou no etnomapeamento das principais ameaças à TI e na capacitação para o uso de aplicativo na coleta de dados. Em paralelo, foi formado um Grupo de Trabalho de Monitoramento Territorial, responsável pelo plano de ação para a proteção da TI e seus lagos.

No mesmo sentido, no 3º Curso e Acampamento de Agentes Ambientais Indígenas Kokama, realizado pelo Movimento Kokama, contribuímos para a formação de agentes/pesquisadores indígenas, apoiando o uso de ferramentas de coleta de dados e uma introdução à PNGATI e aos PGTAs. O encontro reuniu cerca de 110 participantes de 23 aldeias — em sua maioria jovens e 30% mulheres - e contribuiu para a definição de responsáveis pelas expedições de reconhecimento de limites territoriais das TIs em processo de demarcação que apoiamos.

Ainda nesse movimento, contribuimos com a realização de um intercâmbio tranfronteiriço do povo Wai Wai, na aldeia Anauá, na TI Wai Wai (RR), que recebeu representantes da TI Kanashen, da Guiana. O encontro, que contou com a participação de cerca de 150 pessoas, promoveu a troca de experiências e alinhou estratégias de gestão, proteção e monitoramento territorial entre os povos vizinhos diante de ameaças como o garimpo e a exploração ilegal de madeira, além de fortalecer vínculos transfronteiriços. Como desdobramento, foi elaborado um plano de trabalho conjunto, com foco na gestão e no monitoramento territorial e no apoio ao trabalho com artesanato das mulheres, fortalecendo alternativas sustentáveis de renda.

Também avançamos em articulações regionais para fortalecer estratégias de monitoramento e proteção territorial em regiões transfronteiriças entre Brasil e Colômbia. Participamos do Encontro Regional Indígena sobre Mineração Ilegal, realizado no Parque Nacional Amacayacu, na Colômbia, que reuniu lideranças indígenas do Peru e da Colômbia em torno de uma agenda estratégica de enfrentamento aos impactos da mineração ilegal na região.

No Xingu, formalizamos nossa assessoria técnica ao Grupo de Trabalho de Monitoramento da ATIX, passando a integrar esse espaço de gestão do monitoramento territorial nas TI's do território. Também realizamos, a convite do Instituto Aritana, uma oficina sobre aspectos jurídicos do monitoramento e da vigilância em territórios indígenas, o que fortaleceu capacidades locais e o intercâmbio de saberes sobre a proteção territorial.

Gestão biocultural de territórios

Com as ameaças crescentes dos incêndios florestais na Amazônia, em 2025 aprofundamos nossa atuação na prevenção e combate aos incêndios, para além das ações de mitigação de impactos que já vínhamos construído. Nesse sentido, apoiamos a formação de duas brigadas indígenas, em Ulupuwene (TI Batovi, parte do Território Indígena do Xingu/MT) e na aldeia Itarô (TI Inãwébohona/TO), em articulação com o Prevfogo/IBAMA e o ICMBio, fortalecendo a organização comunitária para a prevenção e o combate a incêndios, a partir da integração entre saberes locais e estratégias de manejo do território.



Foto: Acervo ACT - Brasil

Na região do rio Japurá (AM), importante afluente do rio Solimões, apoiamos a finalização do PGTA - um dos principais instrumentos de gestão territorial e ambiental previsto na PNGATI - da TI Paraná do Boá Boá, dos povos Nadëb e Kanamary, fortalecendo a gestão de cerca de 240 mil hectares com base na autodeterminação desses povos Construído de forma participativa ao longo de quatro anos, o PGTA orienta a gestão territorial ao integrar saberes tradicionais e estratégias de uso, manejo e proteção, fortalecendo a governança.



Foto: Nian Pissolati/Acervo ACT Brasil

O apoio da ACT foi muito bom para o Japurá, especialmente com a construção do nosso PGTA. É um apoio que a gente espera que cresça e se fortaleça.

Sinezinho Nadëb

Restauração ecológica

O ano de 2025 representou um marco que consolidou a nossa atuação na área de recuperação de áreas degradadas. Neste ano, apoiamos o povo Ãwa na construção do viveiro de mudas Kawu, na Aldeia Itaro (TO), comunidade que vem demonstrando interesse em ser referência nessa temática na região. Além do viveiro, com 72 m², também foi construída uma edificação de apoio com 30 m² para o armazenamento de sementes, insumos e ferramentas. A estrutura, associada às formações, resultaram na produção de cerca de cerca de 1700 mil mudas, de 35 espécies.

Em uma área de cerca de 18 hectares ao redor da aldeia, utilizando a técnica de adensamento, foram plantadas cerca de 600 mudas em pontos estratégicos. Esse mesmo local foi cercado com nosso apoio, para viabilizar a regeneração natural, o que protege contra a invasão do gado e favorece a regeneração natural do território.

Também apoiamos a participação dos Ãwa na XIV Feira de Sementes Krahô, na TI Kraholândia (TO). O encontro possibilitou a troca e a aquisição de sementes de espécies fundamentais para ampliação da restauração ecológica no território Ãwa.

Essas iniciativas fortaleceram nosso posicionamento na agenda de restauração e segurança alimentar em Terras Indígenas, contribuindo para a aprovação de uma proposta voltada à recuperação de áreas degradadas e à produção de alimentos no Tocantins.



Foto: Acervo ACT -Brasil

Modos de Vida e Bem-viver

Saúde intercultural

Desde o início da nossa atuação no Brasil, em 2019, apoiamos o fortalecimento das medicinas indígenas como forma de garantir o direito dos povos indígenas à saúde diferenciada, promovendo maiores condições para o cuidado com a saúde das comunidades parcerias, bem como o seu fortalecimento cultural. Em 2025, continuamos com o apoio ao Programa Ankarani, voltado à valorização das medicinas indígenas dos povos Tiriyó, Kaxuyana e Txikyana, elaborado e executado em parceria com a APITIKATXI, associação que os representa, no lado oeste da TI Parque do Tumucumaque (AP).



Foto: Acervo ACT-Brasil

Uma das ações realizadas nessa região foi a sétima etapa de formação em medicinas indígenas, na aldeia Urunai, no Centro Guardiões do Conhecimento Cacique Kapai e Aretina, protagonizada pelos conhecedores e especialistas (pïyais) locais e que, dessa vez, recebeu mais participantes das aldeias da região do rio Paru d'Oeste, ampliando o alcance do Programa Ankarani no território.

Nesse contexto, o Centro, criado para fortalecer a transmissão de saberes e práticas tradicionais na TI e utilizado para formação, produção de medicamentos, atendimentos pelo DSEI e como escola indígena, consolida-se como um espaço vivo de diálogo intercultural.

Ainda dentro dessas ações, realizamos, pela primeira vez, um trabalho de apoio aos pïyai especialistas que estão à frente do Programa, viabilizando visitas a oito aldeias do lado oeste da TI Parque do Tumucumaque (AP). Ao longo de cerca de 200 km pelo rio Marapi, a ação promoveu o diálogo com especialistas e jovens locais, que muitas vezes não têm condições de participar das oficinas de formação do Programa.

Centro de Medicinas Indígenas na Aldeia Urunai



Foto: Acervo ACT-Brasil

A iniciativa também contou com a participação de indígenas do Suriname, que mantêm relações constantes com as comunidades no Brasil, como o pïyai especialista Kamanja Pauashkweg. Essa presença fortaleceu as trocas e as conexões transfronteiriças entre esses povos.

Outro importante avanço foi a ampliação do apoio às medicinas indígenas para outros territórios, como o Xingu (MT), por meio de articulações com a Associação Hiulaya, liderada pela primeira mulher pajé do território: Mapulu.

A partir dessa aproximação, firmamos o compromisso de apoiar um encontro de pajés, raizeiros e parteiras do Xingu, previsto para 2026. Como passo inicial, apoiamos a construção da infraestrutura que irá acolher o encontro, já mobilizando a comunidade em torno desse espaço de troca.



Além das ações nos territórios, ampliamos nossa presença em espaços nacionais e internacionais de incidência política sobre saúde intercultural. Participamos da Conferência Global de Saúde e Clima (Brasília/DF), do I Seminário Nacional de Saúde Indígena e Resiliência Climática (Rio Branco/AC) e de uma conferência internacional sobre medicinas indígenas (Paramaribo, Suriname), nesta última ao lado de lideranças da TI Parque do Tumucumaque, fortalecendo o diálogo entre essas medicinas e abordagens da saúde ocidental, bem como propostas voltadas à política nacional de saúde indígena e ao debate rumo à COP30.

Avançamos ainda na criação de um Grupo de Trabalho interinstitucional, em parceria com a AgSUS e a Fiocruz, voltado à articulação de ações conjuntas na agenda de medicinas indígenas. Um dos primeiros desdobramentos foi uma visita técnica, junto a 10 parceiros indígenas dos povos Yawalapíti, Ãwa, Kaxuyana e Tiriyó, a uma Unidade Básica de Saúde no Distrito Federal para troca de experiências sobre a implementação de hortos medicinais.



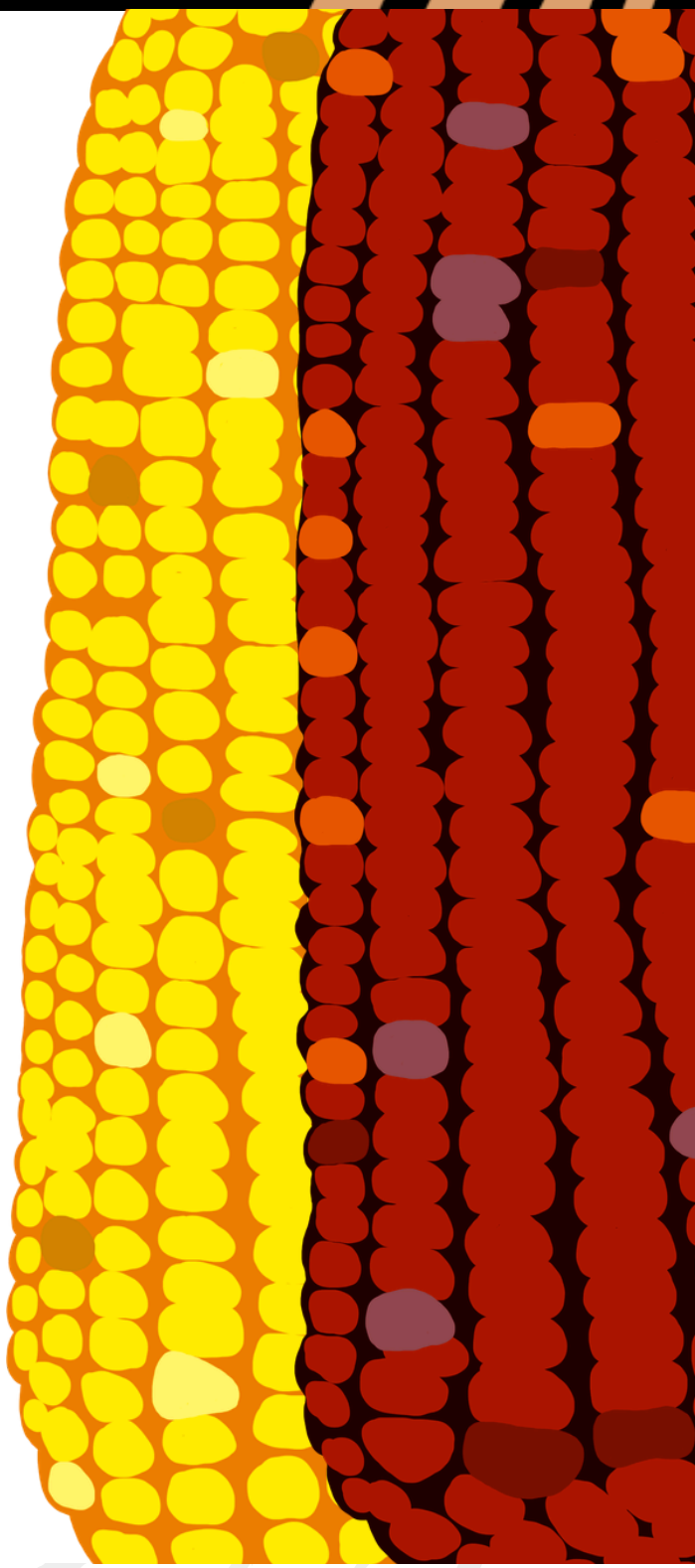
Foto: Méle Dornelas/ Acervo ACT-Brasil

Soberania alimentar e autonomia produtiva sustentável

No Tocantins, o povo Ãwa, com nosso apoio, se reagrupou recentemente em um acampamento que deu origem à aldeia Itaro. Nesse processo de constituição, seguimos junto ao fortalecimento de suas roças, em um movimento que articula o resgate de práticas tradicionais com a adoção de técnicas adaptadas ao novo contexto, como os sistemas agroflorestais.

Ao longo do ano, contribuímos com insumos, mudas e sementes crioulas, além de apoiá-los na participação na XIV Feira de Sementes Krahô, na TI Kraholândia (TO). Essas ações ampliaram em cerca de 37% a diversidade de espécies cultivadas na roça comunitária, e os sistemas agroflorestais ao redor da aldeia foram adensados com 10 espécies arbóreas de uso alimentício.

Também viabilizamos, de forma emergencial, a aquisição de alimentos para as necessidades imediatas desse povo. Apoiamos ainda o cercamento das roças, protegendo-as da entrada de gado e perfuramos um poço artesiano, garantindo o acesso à água potável para a comunidade, essencial em um contexto marcado por enfermidades potencialmente associadas à qualidade desse recurso.



Com as mulheres Yanomami, da associação Kumirãyõma, das aldeias próximas ao polo Maturacá (AM), continuamos com o apoio para o fortalecimento de suas práticas alimentares tradicionais, em um cenário de crescente consumo de alimentos industrializados.

A partir dessa demanda, apoiamos a construção e preparação de uma oficina voltada ao resgate de receitas e técnicas de preparo, articulada à diversificação produtiva e ao acesso a políticas públicas como o PAA e o PNAE, a ser realizada em 2026.

Como desdobramento, foi definida a sistematização desse processo em um livro alimentar, com lançamento previsto para 2027.

Nesse mesmo caminho, apoiamos a realização de uma oficina com o povo Tikuna, na TI Betânia (AM), reunindo cerca de 50 participantes em torno do resgate de práticas tradicionais de produção e processamento de alimentos — fortalecendo a autonomia na segurança alimentar e aumentando os vínculos com o território.


Foto: Acervo ACT - Brasil

Economias sustentáveis

Ao lado do Povo Tikuna da TI Betânia (AM), fortalecemos iniciativas de geração de renda sustentável, com foco no artesanato e no turismo de base comunitária, como a consolidação do Museu Tchirugüne, espaço que integra e impulsiona as atividades de turismo cultural.

Ao redor do museu, apoiamos a construção de oito tendas de artesanato para a comercialização das produções das famílias, especialmente durante a visitação de turistas e festivais locais. Nessa construção, priorizamos a mão de obra local, gerando renda e fortalecendo a economia do território.

Promovemos ainda cinco intercâmbios entre artesãos Tikuna e de outros povos, como os Marubo, da TI Vale do Javari (AM). Esses encontros, com participação de cerca de 50 pessoas em cada, ampliaram a troca de saberes, aprimorando e fortalecendo a qualidade e a diversidade dos artesanatos.

Na aldeia Itarô (TO), a comunidade Ãwa vem construindo caminhos para a geração de renda a partir de ações de restauração ecológica, como a coleta de sementes e a produção de mudas. Embora a comercialização ainda não tenha sido iniciada, desde o começo do projeto a comunidade expressa o interesse em se tornar uma referência em restauração ecológica na região.

Ainda no âmbito da geração de renda sustentável, e em resposta às enchentes no Rio Grande do Sul, iniciamos a implementação de um meliponário na aldeia Tekoa Koen'ju, em parceria com comunidades Guarani Mbya. A criação de abelhas nativas sem ferrão, como jataí e manduri, apoia a soberania alimentar, o fortalecimento cultural e a geração de renda a partir da comercialização de produtos tradicionalmente já utilizados na alimentação e em práticas rituais.

Museu Tchirugüne, na Aldeia Vila Betânia, um marco para o povo Tikuna



Foto: Cargeson Tikuna

Governança e Cultura

Governança indígena e fortalecimento institucional

O fortalecimento da governança e da cultura são aspectos fundamentais da nossa atuação, frequentemente presentes de forma transversal nas ações de proteção dos territórios e dos modos de vida. Além disso, desenvolvemos iniciativas específicas voltadas ao fortalecimento da governança e da cultura dos nossos parceiros. Atuamos junto a organizações indígenas em diferentes contextos, com o compromisso de apoiar sua autonomia e respeitar os caminhos próprios de cada povo.

Com esse propósito, na Terra Indígena Xingu (MT), realizamos duas formações em associativismo e informática básica para um total de 55 representantes de associações ligadas a duas organizações regionais do Xingu, AWAPA e AIKAX, projeto realizado em parceria com a ATIX, fortalecendo a gestão e a comunicação dessas organizações.

Também apoiamos o Instituto N'gutapa, do povo Tikuna da região do rio Içá (AM), na ampliação de sua capacidade de gestão, por meio de uma formação em gestão financeira, com cerca de 40 participantes, articulada à condução participativa do projeto Tchirugüne.

Formações em associativismo e informática básica



Foto: Acervo ACT-Brasil

Ações de gestão participativa semelhantes foram desenvolvidas junto da APÃWA-TO e da AIU que além de exercitarem a gestão de pequenas ações com nossa contribuição, tiveram apoio financeiro para suporte administrativo e operacional. Também foi feito um trabalho para regularização administrativa, gestão organizacional e acesso bancário com a Associação Hiulaya.

No Alto Solimões (AM), seguimos ao lado das organizações indígenas em seus espaços de articulação, contribuindo para a realização da Assembleia Kokama, organizada em conjunto por três organizações do Povo Kokama, OGCCIPK, Federação Kokama e MPKK, construída coletivamente e com a participação de lideranças do Brasil, Peru e Colômbia, fortalecendo vínculos para além das fronteiras.

Também estivemos ao lado da Federação das Organizações e dos Caciques das Comunidades Indígenas Tikuna do Rio Solimões - FOCCIT (AM) em seu processo de reorganização, com atualização de seu estatuto, regularização de pendências e fortalecimento da gestão, permitindo retomar sua atuação com mais segurança e continuidade.

No fortalecimento da governança indígena em contextos transfronteiriços, na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, contribuímos, em parceria com a ACT-Colômbia, para a realização do I Fórum Internacional Indígena – Segurança Pública, Justiça Social e Acordo de Paz, em Tabatinga (AM), fortalecendo redes e conexões entre povos e organizações da região e promovendo a troca de saberes para o fortalecimento das organizações indígenas.

Assembleia Kokama



Foto: Acervo ACT-Brasil

Articulação Política

Ampliamos também a articulação política junto a parceiros, caminhando ao lado de lideranças indígenas em diferentes espaços de mobilização e incidência política ao longo do ano.

No Acampamento Terra Livre (ATL), a maior mobilização indígena do país, viabilizamos a participação de 38 lideranças, entre elas representantes dos povos Ãwa, Waujá, Tikuna, Kokama e Kaixana, que participaram de reuniões estratégicas com órgãos governamentais e organizações da sociedade civil, fortalecendo articulações nesse espaço. Também acompanhamos a UMIAB em suas ações durante o encontro, apoio que se estendeu a outros espaços de articulação, como a COP 30 (Belém/PA).

Nesse contexto, durante a COP 30, apoiamos a participação de 21 lideranças indígenas de diferentes organizações, ampliando a visibilidade e a escuta de suas vozes nos debates sobre clima e contribuindo para o reconhecimento do papel dos povos e dos povos e comunidades tradicionais na proteção dos territórios.



Foto: Genilson Guajajara/ Acervo ACT-Brasil



Foto: Mêle Dornelas/ Acervo ACT-Brasil

Marcha das Mulheres Indígenas 2025

Seguindo esse movimento, acompanhamos a participação de mulheres do Alto Solimões (AM), dos povos Kokama, Tikuna, Kambeba e Kaixana, na Marcha das Mulheres Indígenas (Brasília/DF). Também estivemos junto a professores indígenas das TI's Paraná do Boá-Boá e Uneiuxi (AM), na formação continuada organizada pela Organização dos Professores Indígenas do Japurá (OPIJAPU), fortalecendo espaços de troca, organização e incidência a partir da educação indígena.

Ao longo de 2025, seguimos sustentando, de forma compartilhada, a Casa de Apoio da Associação dos Povos Indígenas Tiriyó, Kaxuyana e Txikuyana (APITIKATXI), em Macapá/AP. Em diálogo com as lideranças do oeste do Tumucumaque (AP), foi acordado o encerramento deste ciclo ao final do ano, abrindo caminho para a construção de uma nova estrutura, mais adequada e com maior envolvimento do poder público.

Cultura e Línguas

Seguimos ao lado do povo Miranha de São Pedro do Cuiu-Cuiu, na região do Rio Japurá (AM), no fortalecimento de sua cultura e de sua língua, em parceria com o Instituto Mamirauá e a ACT-Colômbia, com destaque para o 2º Intercâmbio Miranha, realizado no território ancestral, no rio Caquetá, na Colômbia, reunindo 19 indígenas do Brasil e da Colômbia.

Ao longo do intercâmbio, quatro representantes do povo Miranha do lado brasileiro acompanharam diversas atividades culturais e formativas, incluindo a realização de um baile tradicional Miranha e a cerimônia de atribuição de nomes na língua mãe aos participantes, um tempo de escuta, troca e reconexão entre parentes dos diferentes lados da fronteira.

Ainda na região do Japurá, fortalecemos as línguas indígenas com a terceira oficina da língua Nadëb e com a primeira oficina dedicada à língua Kanamary, espaços de encontro entre gerações, onde a palavra segue viva e em movimento. Ao todo, as atividades reuniram 55 participantes Nadëb e 45 Kanamary.

Também apoiamos iniciativas autônomas de fortalecimento cultural, como a coleta do barro para a produção da cerâmica Wauja, na aldeia Ulupuwene, no Território Indígena Batovi (MT) — uma prática que preserva saberes, memória e modos de vida.



Foto: Odenilze Ramos/Acervo ACT-Brasil

2º Intercâmbio Miranha

No campo da educação, acompanhamos os povos das TIs do Parque do Tumucumaque e do Rio Paru d'Este, situadas no Amapá e norte do Pará, na construção de seus PPPIs. As últimas oficinas participativas reuniram lideranças, professores e representantes de diversas aldeias, consolidando definições sobre educação infantil, metodologias, avaliação e políticas linguísticas. No lado Leste, as 3ª e 4ª oficinas, realizadas na aldeia Bona,, contaram com a participação de cerca de 100 representantes de 22 aldeias, além de representantes da Secretaria de Educação do Estado do Amapá e do Conselho Estadual de Educação. Já na região Oeste, a 4ª oficina, realizada na aldeia Missão Tiriyó, reuniu 65 representantes de 28 aldeias, também com a participação de instituições públicas estaduais.

Esse processo marcou o encerramento da etapa participativa dos PPPIs em ambos os territórios, com os conteúdos consolidados para validação nas assembleias dos povos e posterior encaminhamento aos trâmites institucionais, um passo fundamental para que a educação nas aldeias reflita seus modos próprios de aprender, ensinar e existir.



Programas Transversais

Processo Povos em Isolamento

Ao final de 2025 nós demos início ao trabalho com a proteção dos Povos em Isolamento e de Recente Contato, a partir da estruturação da Estratégia Regional PIACI (sigla colombiana para Pueblos Indígenas en Aislamento y Contacto Inicial) da rede ACT, coordenada pela ACT-Colômbia, que já possui uma experiência de mais de 15 anos de trabalho com essa temática. O trabalho se iniciou com a contratação de equipe especializada para atuação no lado brasileiro e de um trabalho de formação da equipe técnica sobre a temática, para posterior elaboração de um plano de trabalho para 2026.

Processo Mulheres Indígenas

Em 2025, continuamos apoiando e promovendo o movimento de mulheres indígenas, reconhecendo a importância de suas pautas, consolidando parcerias e ampliando iniciativas em diferentes territórios.

Em diálogo com a UMIAB, avançamos na construção de um consórcio para gestão colaborativa de projetos, hoje em articulação com potenciais apoiadores. Também apoiamos e acompanhamos sua Assembleia no ATL, como dito anteriormente, com a participação de 25 lideranças mulheres, fortalecendo o movimento e ampliando sua representatividade nos espaços de incidência.

Reforçando ainda o trabalho já citado na seção de articulação política, apoiamos também nove mulheres indígenas do Alto Solimões (AM), dos povos Kokama, Tikuna, Kambeba e Kaixana, em sua participação na Marcha das Mulheres Indígenas. No encontro, estiveram presentes na 1ª Conferência Nacional de Políticas Públicas para Mulheres Indígenas, fortalecendo o movimento na região.

Caminhamos também junto ao MMTIX na realização de um seminário voltado à ampliação das vozes femininas na saúde indígena. O encontro incluiu a coordenação de um grupo de trabalho sobre medicinas indígenas, valorizando os saberes das mulheres e fortalecendo estratégias de enfrentamento às múltiplas formas de violência, incluindo a obstétrica.

Um último passo essencial em 2025 para o fortalecimento das pautas das mulheres indígenas foi nossa participação no grupo de trabalho responsável pelo Decreto e pela Política Nacional de Políticas Públicas para Mulheres Indígenas, contribuindo para sua revisão e para o anúncio oficial durante a COP 30, um marco para o fortalecimento dessas pautas em todo o país.



Foto: Mèle Dornelas/ Acervo ISA

Marcha das Mulheres Indígenas



Fortalecimento Institucional

Este capítulo apresenta os avanços dos setores que contribuem para o fortalecimento institucional da organização: Administrativo, Financeiro, Contábil, Programático, Monitoramento, Comunicação, Captação de Recursos, Jurídico e Governança.



Ao longo de 2025, avançamos no nosso fortalecimento institucional, consolidando práticas de governança, planejamento, monitoramento e sustentabilidade financeira. Esse processo tem sido orientado pela necessidade de qualificar a gestão, ampliar a transparência e fortalecer a capacidade de geração de evidências sobre as ações desenvolvidas.

Um dos principais resultados desse percurso foi a consolidação do Setor de Fortalecimento Institucional (SEFI), estruturado como um eixo estratégico da organização. O SEFI passou a desempenhar um papel central na integração dos processos institucionais, conectando áreas como Administrativo, Financeiro, Contábil, Programático, Monitoramento, Comunicação, Captação de Recursos, Jurídico e Governança, e contribuindo para maior coerência e articulação interna.

A partir de um processo participativo de análise institucional, foram identificados desafios relacionados à organização dos fluxos de informação, à sistematização de dados, à integração entre áreas e à qualificação dos processos de monitoramento e captação. Como desdobramento, avançamos na estruturação de fluxos institucionais mais claros, na definição de responsabilidades e no aprimoramento de instrumentos e rotinas de trabalho.

Esses avanços têm contribuído para reduzir retrabalho, melhorar a circulação de informações e qualificar a tomada de decisão, além de fortalecer a capacidade institucional da organização para a implementação de suas estratégias e parcerias. O fortalecimento institucional, nesse sentido, consolida-se como um elemento estruturante da nossa atuação, sustentando a consistência e a efetividade das ações desenvolvidas.

Criação do SEFI - julho de 2025



Foto: Acervo ACT Brasil

Captação de Recursos e Parcerias



Ao longo de 2025, avançamos na consolidação da nossa estratégia de captação de recursos, com foco na diversificação de fontes e no fortalecimento de parcerias institucionais. Mantivemos um pipeline ativo de propostas, submetidas a diferentes mecanismos de financiamento, incluindo cooperação internacional, fundos climáticos e organizações filantrópicas.

Nesse período, mobilizamos aproximadamente R$ 17,2 milhões por meio de parcerias com financiadores estratégicos, incluindo o Fundo Amazônia, o Banco Interamericano de Desenvolvimento, a Porticus e a Rainforest Trust. Esses recursos estão vinculados a iniciativas com duração de médio prazo, variando entre aproximadamente 1,5 e 5 anos, o que contribui para maior previsibilidade e sustentabilidade financeira da organização.

O portfólio de captação abrangeu iniciativas em diferentes escalas, incluindo programas estruturantes, com parte já em implementação, evidenciando a capacidade de execução e gestão da organização. Destaca-se também o avanço em consórcios e articulações interinstitucionais, ampliando o acesso a oportunidades estratégicas e fortalecendo parcerias de médio e longo prazo.

Mobilização de cerca de
R$ 17,2 milhões

Formação e Monitoramento



Nossa atuação em formação e monitoramento é integrada e orientada pelo Ciclo de Planejamento, Monitoramento, Avaliação e Sistematização (PMAS), que estrutura o desenho, a implementação e o acompanhamento das nossas ações. Esse ciclo garante coerência entre planejamento e execução, além de qualificar a geração de evidências sobre resultados e impactos.

O monitoramento é voltado ao acompanhamento das ações desenvolvidas nos territórios e em suas organizações parceiras. Para isso, desenvolvemos e aplicamos metodologias, ferramentas e protocolos que organizam o fluxo de informações, qualificam a gestão dos projetos e asseguram consistência técnica. Esse processo fortalece a tomada de decisão, a transparência e a prestação de contas a parceiros e financiadores.

Nossa estratégia de formação baseia-se em uma abordagem dialógica, integrada à metodologia de atuação nos territórios e alinhada aos nossos pilares estratégicos: território e biodiversidade; modos de vida e bem-viver; e governança e cultura. A formação é contínua e orientada à prática, envolvendo processos participativos, diagnósticos e instrumentos pedagógicos que valorizam os saberes tradicionais e fortalecem as organizações indígenas, as comunidades e a própria equipe institucional.

A integração entre formação e monitoramento permite transformar dados institucionais em aprendizado e aprendizado em qualificação das ações, fortalecendo a efetividade das estratégias e a sustentabilidade dos resultados no longo prazo.

Assessoria Jurídica e Compliance



Em 2025, nossa Assessoria Jurídica desempenhou papel estratégico na governança institucional, fortalecendo a segurança jurídica das atividades, a integridade dos processos e a conformidade com normas legais e de financiadores. Sua atuação transversal apoiou todas as áreas da organização, garantindo transparência, responsabilidade e respeito aos direitos dos povos, organizando-se em três frentes complementares: apoio jurídico às ações institucionais, fortalecimento da governança organizacional e consolidação de práticas de integridade.

Fortalecimento da segurança jurídica das atividades

Integridade dos processos

Conformidade com normas legais e de financiadores

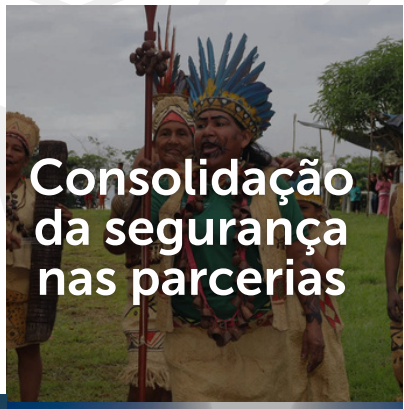
Também atuou na elaboração e formalização de contratos, acordos de cooperação e parcerias com organizações indígenas, instituições públicas, parceiros técnicos e financiadores, assegurando clareza nas responsabilidades e formalização adequada das relações.

No âmbito da governança, houve a contribuição para a estruturação e aprimoramento de regras, políticas e procedimentos internos, fortalecendo os processos administrativos, a segurança das parcerias e práticas alinhadas às boas referências do terceiro setor.

Na dimensão da integridade, também avançamos na atualização e consolidação das normas internas, com revisão de políticas institucionais, elaboração de novos instrumentos, estruturação do Regimento Interno e proposta de reforma do Estatuto Social, além do início da construção da Política de Compliance, voltada a reforçar transparência, integridade e gestão de riscos.

A atuação jurídica permanece como eixo central da governança, garantindo conformidade, solidez das parcerias e cumprimento das normas legais e institucionais. Esse conjunto de esforços fortalece a capacidade da organização de atuar com segurança, transparência e responsabilidade, em coerência com sua missão de apoiar povos indígenas e povos e comunidades tradicionais na proteção de seus territórios, culturas e modos de vida.

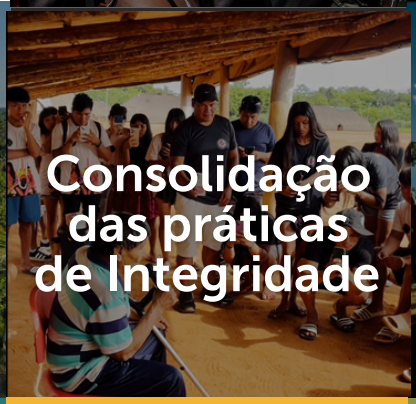
Destaques jurídicos













Comunicação

Nesta seção, reunimos os principais resultados da nossa comunicação em 2025, evidenciando a importância de ampliar o alcance e a profundidade das vozes da floresta na sociedade. Ao longo do período, fortalecemos o diálogo com comunicadores/as comunitárias, apoiando suas iniciativas, a produção de conteúdos e o uso estratégico da comunicação. Essas ações contribuíram para sistematizar, qualificar e ampliar narrativas que evidenciam o protagonismo dos povos indígenas e das comunidades tradicionais no debate climático, reforçando sua centralidade na construção de soluções e na incidência pública. Destacamos ainda a produção contínua de conteúdos que deram visibilidade às pautas e lutas indígenas, bem como as articulações para o desenvolvimento de conteúdos conjuntos com associações e movimentos. Esse conjunto de ações também contribuiu para o fortalecimento institucional, por meio da produção de materiais que consolidam o papel da ACT como parceira dos povos indígenas e na defesa das florestas.

Fortalecer narrativas institucionais

Ampliar alcance e engajamento

Qualificar presença em eventos estratégicos

Apoiar campanhas, áreas internas e territórios

Ampliar a proximidade com parceiros indígenas



Nossa comunicação institucional contribuiu para o fortalecimento das pautas dos povos indígenas e dos povos e comunidades tradicionais e para a proteção da Amazônia, por meio de uma atuação ética, sensível e estratégica, orientada pela escuta dos territórios e pelo protagonismo dos povos. Nesse processo, a área também apoiou a participação de comunicadores e comunicadoras em espaços políticos estratégicos, como a COP30, ampliando sua presença em agendas de incidência e fortalecendo a circulação de narrativas diretamente a partir dos territórios.

Ao impulsionar a presença dessas vozes em arenas de decisão, a comunicação contribui para qualificar o debate público, tensionar narrativas hegemônicas e afirmar o papel dos povos como sujeitos centrais nas respostas à crise climática.

dnalva Palamido, comunicadora indígena que
ecebeu nosso apoio para a cobertura da COP30



Foto: arquivo pessoal

Campanha ACT na COP30

Identidade Visual I Revista ECOS I Ilustrações



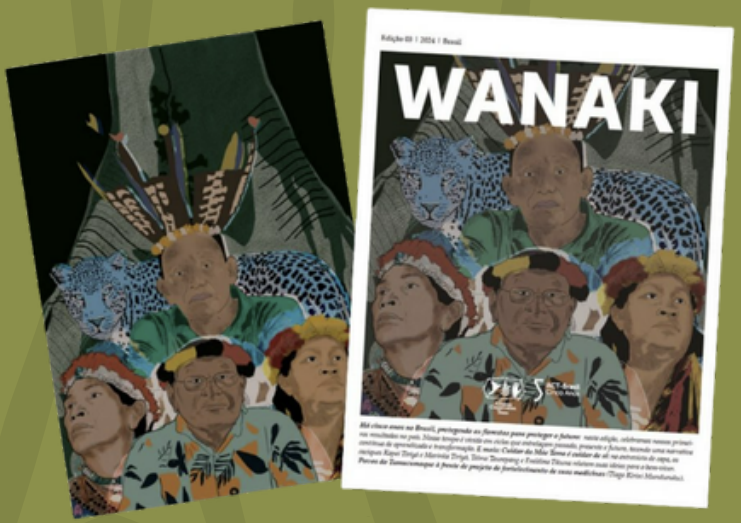


Foto: Ednalva Palamido/Acervo ACT-Brasil

Conteúdos produzidos



Destacamos o lançamento da 3ª edição da revista Wanaki, publicação que vem se consolidando como um importante produto de comunicação da ACT-Brasil. A revista fortalece a difusão de narrativas próprias e contribui para ampliar as vozes, os saberes e as experiências dos povos, consolidando-se como um espaço de expressão, memória e incidência.



Alcance

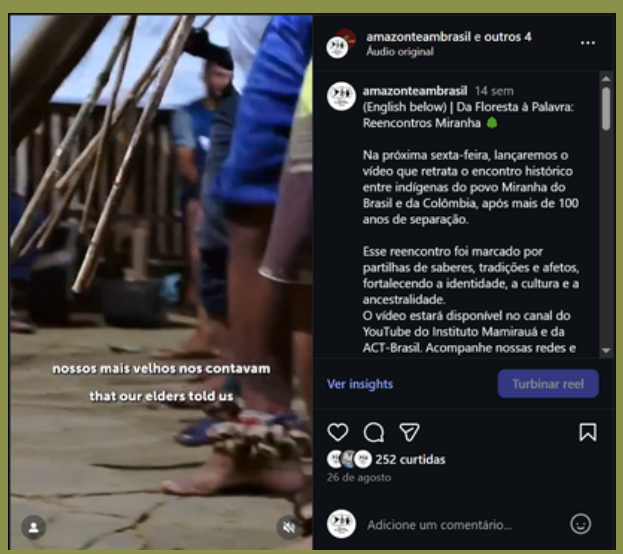
Quase **600** seguidores em 6 meses

Mais de **300** seguidores em 2 meses

Publicações com maior engajamento

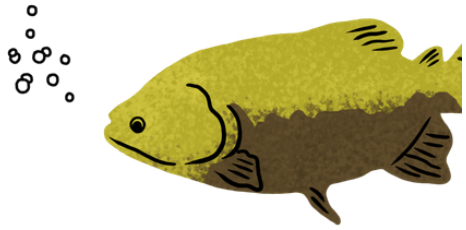








Administrativo-Financeiro



Gestão Administrativa

Ao longo de 2025, avançamos de forma consistente na organização e no fortalecimento dos processos internos. Foram estabelecidas rotinas mais claras para aquisições, viagens e fluxos financeiro e contábil, alinhadas às diretrizes de compliance, tornando os procedimentos mais acessíveis, transparentes e fáceis de seguir no dia a dia.

Esse movimento também se refletiu no apoio à gestão, com suporte contínuo às equipes técnica e de coordenação na organização de reuniões, eventos, oficinas, contratos e materiais. A atuação integrada contribuiu para dar mais fluidez às operações, funcionando como uma engrenagem que sustenta e conecta as diferentes frentes de trabalho.

Outro avanço importante foi a ampliação do uso de ferramentas digitais para gestão e arquivamento, marcando uma transição para processos mais ágeis e sustentáveis. A adoção de assinaturas eletrônicas e a digitalização de documentos reduziram o uso de papel e facilitaram o acesso e a organização das informações.

Para acompanhar esse progresso, alguns marcos evidenciam a evolução alcançada: a formalização de processos, com melhor distribuição das tarefas e a realização de reuniões periódicas que fortalecem a comunicação interna; o avanço no arquivamento digital; e o aprimoramento dos fluxos de compras e contratações, agora orientados por critérios mais claros, garantindo maior transparência e aderência às boas práticas.

Avanços:

Processos formalizados

Arquivamento digital

Fluxos de compras e contratações

Gestão Financeira

Ao longo do período, a gestão financeira manteve-se organizada e consistente, garantindo o acompanhamento rigoroso dos recursos de cada projeto, sempre em conformidade com os planejamentos e limites estabelecidos.

As prestações de contas foram realizadas dentro dos prazos, com alto nível de organização e transparência, reforçando a confiabilidade dos processos internos.

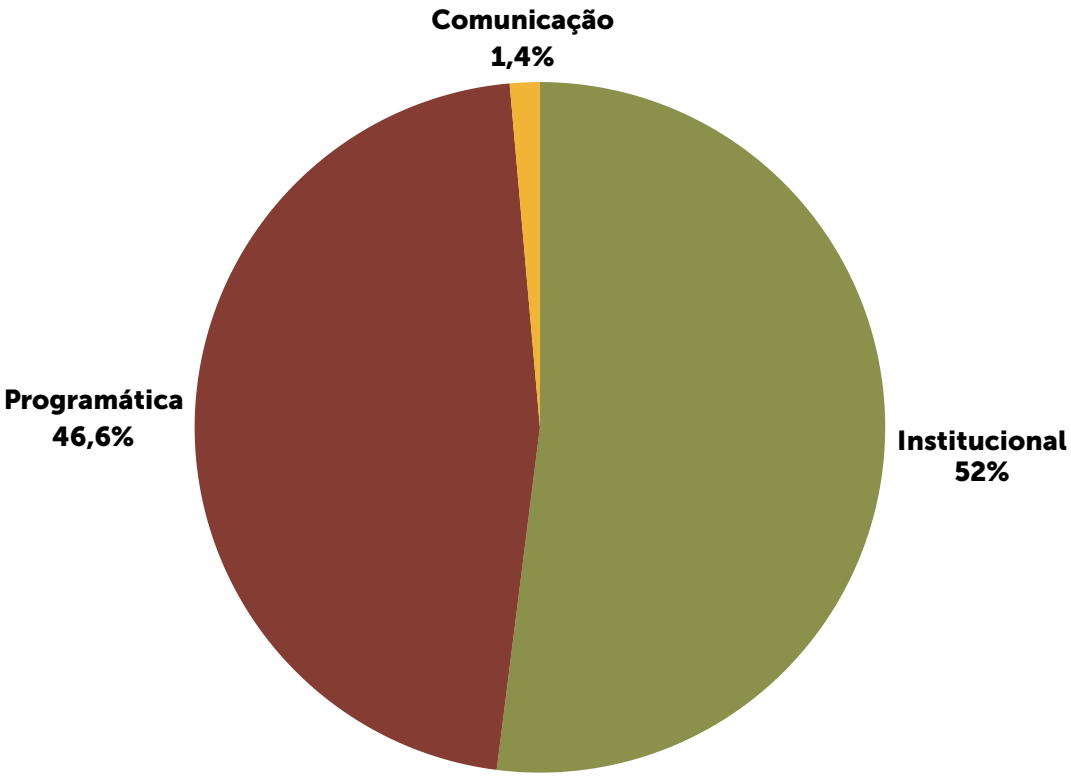
Também avançamos no fortalecimento da sustentabilidade financeira, com a ampliação de receitas por meio de editais e doações, contribuindo para a continuidade e expansão das ações institucionais.

Esse conjunto de práticas foi validado por auditorias independentes, que atestaram a conformidade dos registros e a aderência às normas e boas práticas de gestão financeira.

Orçamento anual: R$10.351.531,80

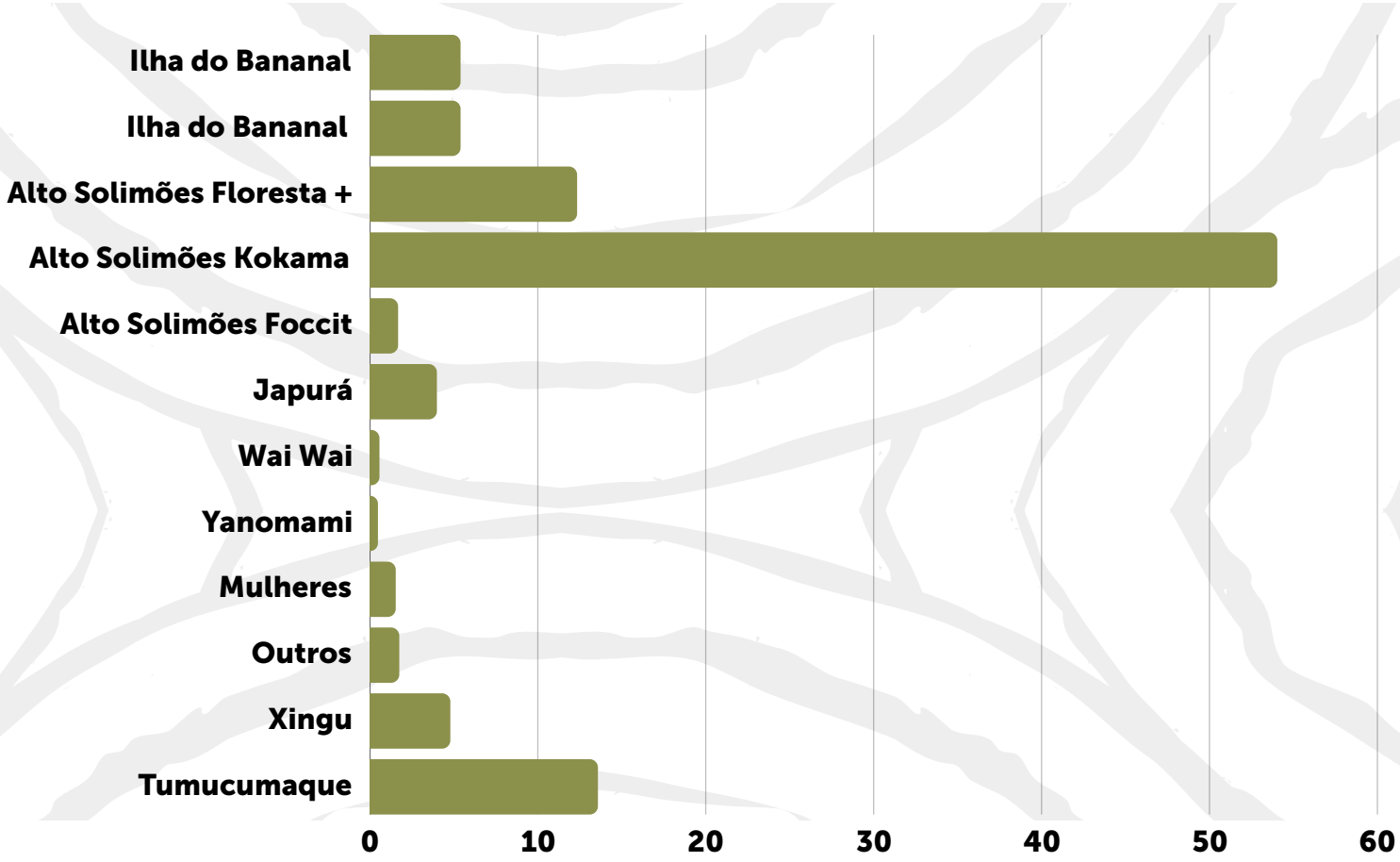
crescimento de
18,35%
em relação a 2024

Distribuição Orçamentária

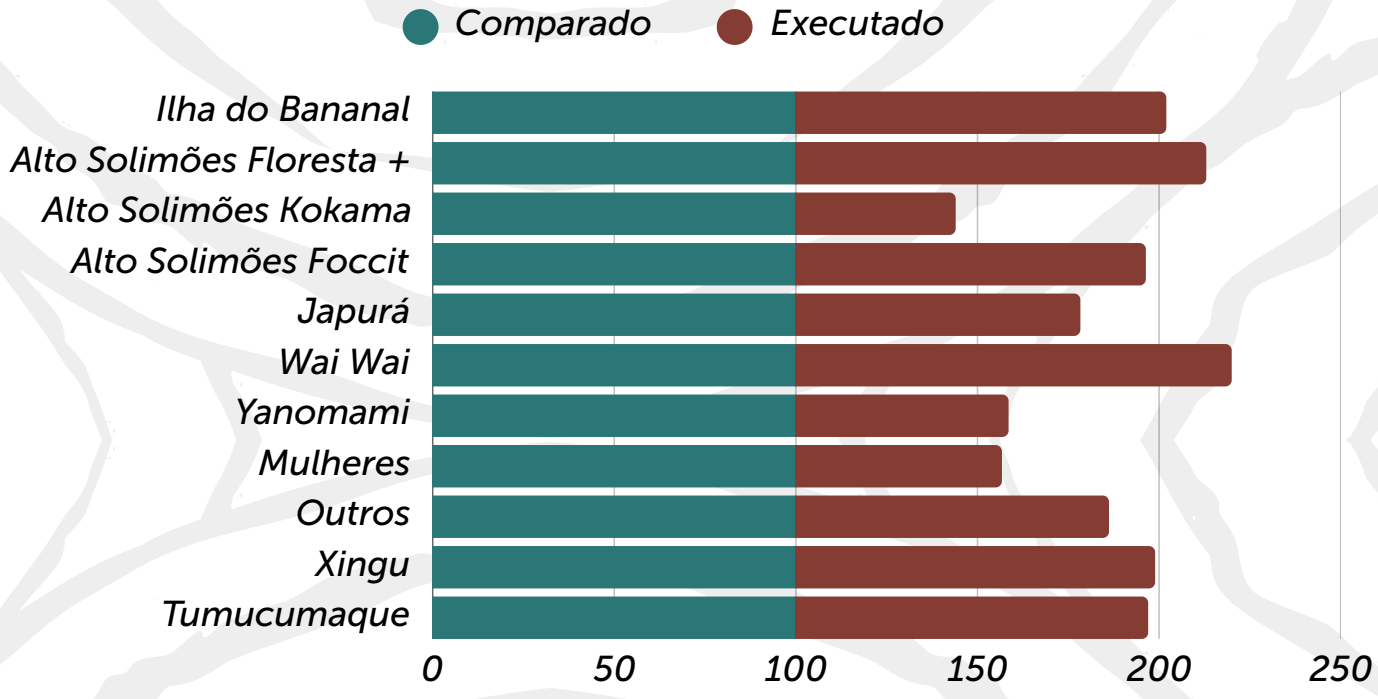


Distribuição Orçamentária por Programa

Total: R$ 4.736.449,93



Percentual de execução por Programa comparando orçado X executado



A ACT é fundamental para nós, e tem um olhar de carinho e cuidado com os povos que lutam por melhorias e pela proteção e demarcação de seus territórios.

Edilene Lopes Kaixana



O que 2026 nos desafia a ser e fazer

O ano de 2026 se coloca, para nós, menos como um novo ciclo de expansão e mais como um momento de consolidação. Depois de um período de crescimento, ampliação de agendas e fortalecimento da nossa presença territorial, o principal desafio agora é qualificar a forma como operamos. Não se trata apenas de fazer mais, mas de fazer melhor, com mais consistência, integração e capacidade de entrega.

Nesse sentido, uma das prioridades centrais será o fortalecimento da execução programática. Precisamos avançar na organização das atividades em campo, no acompanhamento das entregas e na definição mais clara de responsabilidades. Isso implica investir na qualificação das equipes, estruturar melhor a gestão dos processos e criar condições para que o planejamento se traduza, de forma mais direta, em ação.

Ao mesmo tempo, seguiremos aprofundando nossa atuação nos territórios, garantindo continuidade aos processos já em curso. A demarcação de terras, a implementação de instrumentos de gestão territorial, o fortalecimento das organizações indígenas e o apoio aos modos de vida sustentáveis permanecem como eixos centrais da nossa atuação.

A experiência recente também aponta para a necessidade de fortalecer nossa atuação em contextos transfronteiriços, ampliando articulações e construindo estratégias integradas com parceiros em diferentes países. Esse é um campo que tende a ganhar ainda mais relevância diante das dinâmicas territoriais e das pressões crescentes sobre a Amazônia.

Outro eixo fundamental será o fortalecimento institucional. Avançar na organização de fluxos internos, melhorar os sistemas de monitoramento e consolidar a integração entre áreas são passos essenciais para sustentar a atuação da organização no médio e longo prazo. A capacidade de crescer com consistência depende diretamente disso.



A inserção em agendas globais, como a COP, também traz novos desafios para 2026. Precisaremos qualificar ainda mais nossa capacidade de articulação internacional, mantendo coerência com os territórios e evitando que essa atuação se desconecte das realidades locais. Estar nesses espaços exige clareza política, intencionalidade e responsabilidade.

As agendas transversais, especialmente mulheres indígenas, medicinas tradicionais e povos em isolamento, tendem a ganhar ainda mais centralidade, não apenas como temas específicos, mas como dimensões que atravessam toda a nossa atuação e qualificam nossa leitura sobre os territórios.

Mais do que definir novas frentes, 2026 será um ano de aprofundamento, para ajustar a máquina, fortalecer as bases metodológicas e consolidar um modo de atuar que seja capaz de sustentar, no tempo, a complexidade e a responsabilidade do trabalho que escolhemos fazer como missão.

Seguimos, portanto, com um desafio claro: alinhar a potência da nossa atuação territorial com a consistência da nossa estrutura institucional. É nesse equilíbrio que está a possibilidade de ampliar nosso impacto sem perder coerência.



Foto: Méle Dornelas/ Acervo ACT Brasil

Quem nos apoia

THE OVERBROOK FOUNDATION

skoll FOUNDATION

Scheidel FOUNDATION
Built on the Love of Family and Community

re:wild

THE WHITE FEATHER FOUNDATION
- For The Conservation of Life -

dwb ecology

ANDES AMAZON FUND

PROJETO FLORESTA+ AMAZÔNIA

GREEN CLIMATE FUND

PNUD

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE E MUDANÇA DO CLIMA

GOVERNO DO BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

the Amazon Conservation Team

brasil.amazonteam.org

info@actbrasil.org

@amazonteambrasil

